

## Qual a luz que brilha dentro de mim?

Notas de um trecho da assembleia da comunidade do Movimento Comunhão e Libertação de São Paulo, realizada no domingo, 21 de março de 2021, por videoconferência, participaram Otoney Alcântara, advogado em Salvador e membro do Movimento, e também Marco Montrasi (Bracco), o responsável nacional de CL. A assembleia foi conduzida por Olavo Gruber e Gleyson Ferreira, responsáveis do Movimento em São Paulo.

**Olavo:** É sempre uma surpresa a forma como a gente começa os nossos gestos. Ver a beleza dessas músicas, a forma como foram cantadas, o vídeo que passou no início, é como algo que nos ajuda a tirar de dentro o que há de mais urgente. Para mim, dar-me conta dessas coisas não é óbvio. Que a gente também tenha essa mesma disponibilidade, essa mesma abertura, que se deixe levar por essa mesma beleza que viu agora, para poder aproveitar ao máximo a Assembleia. Hoje temos a presença do Bracco – é sempre uma alegria tê-lo com a gente – e o ilustre Otoney. Então, já começo agradecendo a participação dos dois.

**Gleyson:** Boa tarde, amigos! Recebemos contribuições, algumas delas questionando ou fazendo colocações a respeito da situação política. De uma certa maneira, a gente percebe que, nos últimos tempos, houve como que um recrudescimento e quase uma violência no debate e na discussão política. Hoje, em muitas situações, principalmente através das redes sociais, parece que existe uma tentativa de eliminar a opinião do outro, de estabelecer uma supremacia de discurso.

Por exemplo, numa das colocações se disse assim: *“Parece haver um descolamento total entre a compreensão da realidade e os critérios que sustentam os nossos relacionamentos: na família, no Movimento, na Igreja. O método muda diante das questões políticas. O que vale para a vida pessoal não vale para a política. Dessa forma, prevalecem os blogs, mensagens, discursos, ideologias que oferecem segurança, mas nos tornam mais fechados ao diálogo. Como podemos aprender a fazer um juízo nessa situação e não ser presas da ideologia?”* Uma outra pergunta apresenta situações parecidas com essas que eu citei, e termina com uma pergunta: *“O que Cristo poderia nos dizer neste momento que estamos vivenciando?”* Para isso eu queria pedir também a ajuda do Otoney, para falar um pouco sobre como tem vivido essas questões e como nos ajudaria a fazer esse caminho.

**Otoney:** Eu agradeço o convite da comunidade de São Paulo, dos nossos amigos. O Bracco, Olavo e Gleyson me pediram para dizer alguma coisa sobre essa questão. E desde que eles me pediram, eu fiquei bastante provocado. Então eu só iniciei com duas notas: uma de ordem mais geográfica e outra de ordem da inteligência.

A primeira é a seguinte: eu nasci numa cidade chamada Itapicuru, Nordeste do Brasil, 4 quilômetros depois do fim do mundo. E meu avô foi prefeito duas vezes e vereador umas dez vezes, e meu pai vereador quatro vezes. Desde criança a política fazia parte da minha vida. É uma cidade muito pequena, e no dia de feira, que era o dia mais importante da semana, vinham as pessoas do interior do município. Minha casa se enchia dessas pessoas, porque evidentemente a política era muito assistencialista, e essas pessoas almoçavam em minha casa, tomavam café, e ali a política de alguma maneira entrou em minha vida. Eu sempre fui, de certa maneira, tocado pela política e sempre me interessei por política pessoalmente. Devo dizer que, até por uma questão de temperamento, eu tendo a ser um sujeito muito conservador politicamente. Então essa é a primeira observação.

A segunda é uma observação da inteligência, porque essa se refere ao Carrón, que deu uma entrevista a um jornal espanhol que me chamou muito a atenção, porque o repórter perguntou: *“Mas você, Carrón, você é mais ‘hobbsiano’ ou ‘rousseauiano’?”* Ora, se você é ‘hobbsiano’, significa que você é um sujeito de direita; se você é ‘rousseauiano’, você é um sujeito de esquerda, porque

Rousseau é uma espécie de precursor do Marx. E ele deu uma resposta extremamente desconcertante. Ele disse: “Olha, eu não sou de direita nem de esquerda, eu sou católico. A minha posição é uma posição original”. Essa resposta dele me provocou muito. Devo dizer que, desde que eu entrei no Movimento, a minha posição, aquilo que eu entendia como sendo política, digamos assim, sempre me questionou muito, por duas razões. Eram coisas simples que eu acho que quem é do Movimento sempre ouviu: nossa esperança não está na política; e também aquela frase que dizia o seguinte: as nossas tentativas são irônicas. Essas duas coisas sempre me fizeram pensar muito. Mas depois dessa frase do Carrón, e também de *A beleza desarmada* (São Paulo: Companhia Ilimitada, 2016), eu me coloquei muito seriamente essa questão, mesmo que não tenha me posto de maneira ostensiva, eu venho pensando na proposta do Movimento em relação à política. Então vou expor a vocês, tentando esquematizar um pouco, sobretudo o problema do método, quer dizer, como é que metodologicamente se pode olhar para a política. Não tanto o conteúdo, não tanto a defesa de um conteúdo.

Então, a primeira coisa que me vem é o seguinte: não mudar o método. Como é que eu olho a política? Eu olho a política não mudando o método. Isso implica duas coisas. Primeiro, a mudança tem que acontecer em mim. Essa é a primeira coisa, o método do Movimento nos mostra isto: a primeira mudança tem que acontecer em mim. Eu não espero do outro a mudança, mas ela acontece em mim. E nesse sentido eu acho muito interessante algumas anotações da própria Escola de Comunidade, no texto que nós estamos trabalhando. Por exemplo, na página 130 há uma passagem muito interessante que diz assim: “O ‘sim’ de Pedro cria o povo novo sobre o perdão. É pronunciado em virtude da consciência de que o rosto que lhe pergunta ‘Simão, tu me amas?’ é repleto de perdão. O ‘sim’ de Pedro é construído sobre esse perdão. E logra que este seja para todos” (*Deixar marcas na história do mundo*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019). Ora, essa é a primeira coisa interessantíssima: o povo cristão é fundado sobre a imperfeição humana. Quer dizer, a fraqueza humana é o ponto fundante do povo cristão. Uma coisa *sui generis*. É o fato de que a minha imperfeição é aceita, é amada por Cristo, que gera uma identidade entre as pessoas que vivem essa mesma experiência. Esse é o primeiro ponto que eu acho fundamental para entender a nossa posição política. Em segundo lugar, já na página 131: “O ‘sim’ de Pedro desencadeia uma atividade que caminha no sentido contrário das aproximações e das negações e dos ódios mundanos. Ele diz: o povo nasce desse perdão e dessa atividade incansável”. Interessante: o perdão que Pedro recebe, que cada um de nós recebe num dado momento da nossa vida, e recebemos a cada instante, “gera uma atividade incansável que não é aplacada por aquilo que se consegue construir, pelo fato de ter sucesso. Aqui, nenhum tipo de medida é importante, nem de sucesso, nem de falta de sucesso. Dentro do perdão, apoiado no perdão, retomamos do princípio mil vezes por dia”.

Então acho que esses dois pontos são decisivos. Ser cristão significa, de certo modo, compor um povo *sui generis* que nasce desse perdão. E esse perdão é que gera a atividade, que gera o lançar-se na vida – lançar-se na família, lançar-se no trabalho, lançar-se na política: inclusive posteriormente ele vai dizer isso. Então, dentro disso, eu percebo que a política é uma atividade decisiva na vida de uma pessoa. Aliás, o próprio Giussani diz que são quatro categorias decisivas, onde o homem joga a própria vida: a cultura, a política, o amor e o trabalho. A política é certamente uma das categorias decisivas na vida de uma pessoa. E, sendo um tema complexo, sendo um tema assim apaixonante, é muito fácil trocar de método enquanto você vive aquela experiência. Quer dizer, você parte com um método, mas vivendo aquela experiência da política, certamente, tendencialmente, nós mudamos de método.

Então, a política, de certa forma, é uma tentativa humana, do ponto de vista do cristão, de afirmar essa glória de Cristo, aquele perdão que nós encontramos, esse lançar-se na realidade; é uma tentativa de afirmar isso, afirmar isso com outros, com outros que podem não fazer a mesma experiência que nós fazemos. Mas por que eu digo que é uma tentativa, uma tentativa irônica? Porque, na realidade, o ponto fundante é aquele perdão que nos lança nessa atividade incansável.

Então, eu percebo que há um grande risco quando você entra num problema desse nível, que é exatamente a tentação de idolatrar a política. O que seria essa idolatria, a política como idolatria? É identificar, é começar a identificar que a realização das promessas cristãs, ou seja, que a realização daquele perdão – que eu não criei e que é essa energia que eu recebo para me lançar na vida – vai ser resolvida pela própria história. Ou seja, é a própria história que vai cumprir aquela promessa que eu recebi com aquele perdão. É a própria história, e conseqüentemente os instrumentos mais eficazes, que vão gerar aquela resposta. Então eu troco o método. Quer dizer, a minha origem nasce do perdão; a minha origem nasce de alguém que me aceitou e da minha imperfeição como ponto de partida. O meu limite como ponto de partida. Entretanto, quando eu entro numa atividade fundamental como a atividade política, eu digo: “Bom, aqui, o problema não é o perdão, o problema aqui é a perfeição, então aqui vamos criar um partido, vamos criar uma pessoa que resolverá o problema”. Então, quando você começa a pensar a política assim, de algum modo o método foi trocado. O método que gerou o cristão como povo, o método que nos trouxe para a realidade com esse olhar, é como se eu o trocasse em pleno voo.

Então, quem me perdoou? Eu não mereci esse perdão. Quem me gerou? Eu não merecia ser gerado. A energia que me coloca diante do real não foi gerada por mim. Entretanto, quando eu vou enfrentar um problema complexo, eu digo: “Não, aqui é comigo, aqui a gente vai fundar um partido e aqui tem tal pessoa, essa pessoa cumprirá as promessas”. Essa identificação idolátrica é equivocada porque não é possível que isso aconteça. Inclusive, alguns teólogos dizem que não é nem sequer possível uma teologia política, exatamente por essa incongruência. Tanto é verdade que, na história da Igreja, a Igreja passou por vários sistemas políticos; e não é impossível que a Igreja apoie, ao mesmo tempo, em um país uma posição e em outro país outra posição. Porque, sendo a Igreja como tal, como ela tem uma cosmovisão, como ela vive de uma coisa que veio antes e que acontece agora – o que aconteceu antes foi esse perdão, e o que acontece agora – quando eu me lanço na vida, e sobretudo numa questão viva e apaixonante como a política, há uma grande liberdade para se jogar, para se jogar dentro dela. Nesse sentido, a política não é uma questão dogmática para a Igreja. É uma questão importantíssima, mas a liberdade de cada um se exerce ali. É evidente que seria muito interessante que houvesse uma unidade entre todos, mas não é que necessariamente tenha que haver uma unidade.

Então, o que eu quero dizer: mesmo que existisse um partido fundado pela CNBB, por 50 bispos, 4 freiras, 2 santos, você como católico não está obrigado a estar dentro desse partido. Porque é uma tentativa irônica de responder àquele problema. Mas, no fundo, você entra naquela experiência, mas você entra com uma liberdade de quem não tem pátria, porque a sua pátria é outra coisa. Então em qualquer situação você está em casa, porque sua casa é outro lugar. Sua casa é pertencer a alguém que vem antes. Há um sujeito, Carl Smith, que é muito interessante, que diz que a Igreja é uma espécie de complexo de oposições. Politicamente, a Igreja convive com várias contradições, e não há nenhum problema nisso. Por quê? Porque o que salva é o que vem antes. Então você se lança na realidade muito livre, livre para se posicionar. Agora: o equívoco é idolatrar o instrumento. É achar que é o instrumento que eu estou criando que vai resolver o problema. Porque o problema foi resolvido antes, pelo encontro que eu fiz.

Então eu acho que esse é o ponto decisivo. E aí é que está o paradoxo: você pode entrar, pode se candidatar, pode crer naquilo... Mas, ao mesmo tempo, a única colocação de Cristo sobre a política foi: “Dai a César o que é de César e dai a Deus o que é de Deus”. Ou seja: você entra na questão política com toda a energia. Mas você não pode dar à política o que não é da política, que não é da natureza da política. Porque a você foi dada uma coisa que vem antes. Você pertence a Deus, você não pode dar à política o que é de Deus. Quando isso acontece, você entra na idolatria. Isso gera, de certo modo, uma violência e uma incompreensão. Então, por exemplo, aqui mesmo há um grupo entre nós, no Movimento, em que alguns dizem: “Não, mas essa posição sua não é católica. Eu estou com fulano de tal porque ele representa os valores...” Isso não é verdade, isso é ingênuo, isso é uma negação do que nos aconteceu. Deus não cabe dentro de nenhuma obra humana. É como Pedro que, diante da glória, no monte Tabor, disse: “Vamos armar uma tenda para pôr você aqui

dentro, Jesus!” Ele, vendo a glória de Cristo, quis montar uma tendinha para a glória de Deus entrar. Então, nenhum partido, nenhuma iniciativa, por mais bela que seja... não cabe. É muito maior aquilo que nós encontramos. Então eu entendo que o ponto decisivo é essa liberdade.

Agora: que o sujeito entenda essa situação é outra questão. Penso que o primeiro percurso tem que ser feito por cada um de nós. Então, para mim, nessa experiência, nessa caminhada que eu tenho feito no Movimento, e sobretudo com *A beleza desarmada*, eu comecei a me dar conta de uma grande liberdade. Uma grande liberdade, porque você pode dialogar, você pode estar com qualquer pessoa e ter uma posição, mas não significa com isso que eu tenho que logo eliminar aquela pessoa. Porque o que me interessa é uma coisa que vem antes daquilo lá, até porque a minha esperança não está toda jogada em quem vai ganhar a eleição. E, por outro lado, a liberdade de mudar de posição. Eu sou livre para mudar de posição, eu não estou atrelado. E sobretudo a realidade: você vê um sujeito que diz uma coisa que você acha interessante, ironicamente você tenta. Se essa coisa não é real, porque a realidade mostra o contrário, qual é o problema? Eu pertença a outra coisa, minha pátria é outra. Então eu entendo que essa é a posição que Carrón tem, de certo modo, nos ensinado, mas também é a posição da Igreja. E por isso eu digo que em primeiro lugar não é um problema de conteúdo, é um problema de método. É um problema de método.

Bom, eu quero terminar agora citando uma coisa de São Paulo, que também está no texto, que eu acho muito interessante e que corrobora, me parece, mais ou menos aquilo que nós tínhamos conversado até agora. Na página 140, vejam o que São Paulo diz: “Irmãos, quando fui até vós anunciar-vos o mistério de Deus, eu não recorri à ostentação da palavra ou à sabedoria da pregação” – ou seja, eu não tinha uma ideologia; eu não tinha uma argumentação ideológica, bem fundamentada; não, não foi esse o ponto – “no meio de vós, não julguei saber coisa alguma”. Não é que eu tenha estatística, não... “a não ser Jesus Cristo, e este crucificado”. Quer dizer, a única coisa que eu sei é que fui perdoado por Cristo, e é isso que me lança no real. “Com essas palavras, Paulo ressalta que alegria plena não coincide com a realização de um projeto de hegemonia no mundo.” Ou seja, não é um problema de projeto de hegemonia no mundo. O cristão, quando entra na política, não pode ter um projeto de achar que vai salvar o mundo fazendo política. Não vai salvar o mundo, salvar o Brasil, porque isso seria ingênuo, seria negar aquilo que lhe aconteceu, o que salva é a relação com Cristo. “Conforme análise ou valores determinados pelo homem. O fato dessa hegemonia não poder ser prevista significa que o que nos é prometido não é o êxito histórico da hegemonia de Cristo sobre o mundo, mas estarmos preparados para aquele dia em que Cristo transferirá o conteúdo da sua vitória final para as mãos do Pai. Mas quando tudo lhe estiver submetido, então o próprio filho submeterá àquele que submeteu todas as coisas, para que Deus seja tudo em todos”.

Então, em síntese, o ponto é este: nós partimos do que nos aconteceu, com toda a nossa seriedade, abraçamos uma posição política, faz parte, é interessante, é justo, mas damos à política o que é da política, e a Deus o que é de Deus. Em síntese, era isso que eu queria dizer.

**Olavo:** Obrigado, Otony. Bracco?

**Bracco:** Eu acho que não temos que ter a preocupação de chegar logo a ter tudo claro, porque é um tema que sempre aparece; em alguns momentos com mais ênfase que em outros, em alguns momentos de forma mais dramática que em outros. Mas acho que o interessante é que nós não temos que ter medo de ir a fundo nisso que o Otony dizia: esse diálogo que vem antes. Não é óbvio que o Movimento nos dê a capacidade de julgar. Não é óbvio. Não é óbvio, porque depende da experiência que estamos fazendo. Como a gente julga depende da experiência que estamos fazendo. É como enfiar o plugue na tomada. A fonte do juízo é a liberdade de julgar, vem de um acontecimento. O pertencer é um acontecimento, e não basta ter sido do Movimento ontem ou por uma semana, que isso me dá a capacidade de julgar tudo de uma forma nova, original, hoje, segundo aquilo que seria o correto, o justo. Isso não é nada automático. Por isso é interessante. Não temos que nos escandalizar e não temos que ter medo. Isso é interessante porque é uma verificação,

que podemos fazer, de como estamos vivendo. Qual é a luz que brilha dentro de mim, acesa? Acesa, não apagada. Não a foto da luz, sabe? A foto da luz que estava viva dois anos atrás. Não: qual é a luz agora, que tenho acesa dentro de mim, que ilumina a minha forma de ver? Essa é a coisa interessante deste momento: que cada um verifique isso. Por isso pode haver alguém que, por força dessa luz, não precisa tomar partido. Pode haver outra coisa, pode ter uma visão como de longe, sabe? Quando você tem que ver esse quadro, se você está com os olhos grudados nele, você vê um monte de particulares, muito de perto, mas você perde todo o horizonte. Existe uma forma de julgar que lhe dá uma visão, uma atenção aos particulares, que lhe dá uma conexão dos pontos, que vem dessa luz que temos dentro do nosso pertencer. Isso não é automático; pode ser muito dualista nossa forma de julgar alguns temas, algumas coisas, porque não é automática essa conexão. Não é automático que venha da nossa experiência. O juízo é um acontecimento. Então verifiquem esse acontecimento quando vocês conversarem. De onde nasce o juízo que temos? Onde eu pisco o juízo? Qual é a fonte? De onde vem a luz pela qual eu estou julgando uma coisa ou outra? É o medo? É o medo de estar sem uma casa, uma pátria? É o medo de que o cristianismo vá ficar solto, perdido, arrastado?...

Quando tenho medo... Quando não é uma luz do pertencer, de um acontecimento de Cristo – porque Cristo é aquele que mais originalmente nos mostrou como ele julgava: era o vínculo com o Pai que gerava essa liberdade em ver as coisas e não ter medo, e não ter pressa, e saber escutar e saber olhar: vinha desse vínculo. E qual é o meu vínculo que me dá liberdade em olhar? Que me dá atenção em ver os particulares? Que não me dá pressa de querer ter uma casa? Que não me dá medo de entender que eu sou sem pátria? Eu sou um sem pátria. Isso nos foi dito. Quem é cristão é sem pátria. Porque a nossa pátria é o mundo, é todo o mundo. É todo o mundo que precisa desse anúncio, dessa forma de poder julgar tudo. E com essa posição não significa “não julgar”. Não significa não arriscar um juízo. Não! Mas é uma forma de julgar que é livre; que pode até errar, mas que olha o outro, que olha o outro que sabe escutar o outro. Sabe qual é o exemplo maior que temos nestes dias? Eu sugiro a todo mundo que leia todos os discursos e as homilias do Papa no Iraque. Esse é o exemplo mais próximo que temos. Onde não se separa a política de um acontecimento. E onde uma presença se torna política. Como? Não afirmando a hegemonia dos valores cristãos em cima dos [outros] valores... e sendo uma presença. De onde vinha a luz que gerou no Papa a ideia de ir até lá, a esse lugar arriscado, onde aconteceram os desastres mais próximos do terrorismo islâmico recente? Para ir lá encontrar um povo que estava esquecido, para ir arriscar sem medo – ou com medo, mas com uma certeza de alguém que estava com ele? De ir encontrar uma das maiores personalidades do mundo islâmico xiita, agora? E ele falava assim: “Quanto o mundo precisa escutar essa mensagem. Não esquecemos que Cristo é anunciado, sobretudo, pelo testemunho de vida transformado pela alegria do Evangelho. Uma fé viva em Jesus é contagiosa e pode mudar o mundo”. Mas nós acreditamos nisso? Uma fé viva contagiosa pode mudar o mundo. “Não é somente uma coisa verdadeira e bonita e justa, mas pode encher a vida de um novo esplendor, uma alegria profunda”. E depois falava outra coisa grandiosa: “Quem tem a coragem de olhar as estrelas, quem acredita em Deus, não tem inimigos para combater”. Quem tem a coragem de olhar as estrelas... ele dizia isso no encontro na planície de Ur, onde Abraão foi escolhido por Deus, onde nasceu toda a nossa história! A história das religiões aconteceu nesse lugar. Por isso chamou: nessa planície... foi olhando as estrelas. É o lugar onde as estrelas são uma coisa incrível, falam da experiência. Então ele começou com essa imagem das estrelas. “Olhamos as estrelas”. O primeiro ponto. “O céu nos doa uma mensagem de unidade. O além de Deus nos leva ao outro como irmão”. De uma imagem assim ele vê... Isso é um juízo original. Não é falar que temos que combater tudo, ou que religião é melhor... Não: estamos sob o mesmo céu. E quem olha as estrelas se encontra mais junto. “O além de Deus te devolve o outro como irmão. Se nós queremos custodiar a fraternidade, não podemos perder de vista o céu.”

Fantástico! Depois falava assim: “Quem tem a coragem de olhar as estrelas, não tem inimigos para combater. Tem um só inimigo para enfrentar: a inimizade”. Tem só um inimigo: a inimizade. “Quem olha as estrelas das promessas, quem segue as vias de Deus, não pode ser contra alguém,

mas é para todos”. Isso é uma coisa do Papa, que faz as viagens dele para bater ponto? O Papa tem que bater ponto também, então isso aqui são as viagens... Ou isso tem a ver com a nossa situação das brigas das nossas Fraternidades? Estamos sob o mesmo céu. Se o céu não é uma experiência, seremos inimigos sempre, em casa, no grupinho da Fraternidade, para qualquer coisa: na Igreja, no mundo. Mas quando o céu se torna uma experiência, não se tem inimigo para combater. O inimigo para combater é a inimizade. Depois há um monte de coisas, não vou gastar mais tempo com vocês. Mas depois ele fala, na homilia da missa em Bagdá: “Como eu reajo a situações que não estão boas, na frente das adversidades? Uma: posso escapar, fugir, não querer saber mais de nada. E a segunda, reagir chateado, com força. É aquilo que acontece aos discípulos no Getsêmani: na frente do desconcerto, muitos fugiram e Pedro pegou a espada. Nem a espada resolveu alguma coisa. Jesus mudou a história”. Aqui, olha a política de novo. Jesus mudou a história, como? “Com a força humilde do amor. Com o seu testemunho paciente. Assim somos chamados a fazer nós. Assim Deus realiza suas promessas. E como Ele fez promessas, as promessas de Deus, como se cumprem?” Como se cumprem as promessas, então? Nós que estamos aqui, que seguimos... Olha aqui também: “através das nossas fraquezas”. Através das nossas fraquezas se cumprem essas promessas. “Pedro renega o Senhor e Jesus o chama a confirmar os irmãos. Às vezes podemos nos sentir incapazes, inúteis, não acreditamos, porque Deus quer cumprir coisas grandiosas através das nossas fraquezas”. Isso é política! Você entende que, quando alguém surpreende isso na própria experiência, é uma forma de mudar a sua casa, o seu casamento, a sua Fraternidade, a sua cidade, o Brasil e o mundo. Porque, se muda um pedacinho, muda o mundo.

Então, olha, tem ainda um monte de coisas para ler, mas não vou ler tudo, vocês leiam. Porque é um espetáculo, é um espetáculo para isso. Levando em conta o que o Otony disse, vocês vejam quantas coisas uma testemunha viva hoje, do que significa diálogo, o que significa mudar a partir de uma experiência cristã. Temos o Papa que nos testemunhou isso duas semanas atrás. E vocês o vejam em ação. Ele vai encontrar esse líder, que seria o nosso maior inimigo, vamos supor. Esse homem levanta, tira os sapatos, o homem levanta para abraçar o Papa. Um homem que nunca levanta, com ninguém. Ele levanta para abraçar o Papa. E se torna um relacionamento. Começou um relacionamento. Começou algo que poderá mudar alguma coisa, não sabemos. Mas imaginem! Imaginem a força e a criatividade que gera o acontecimento vivo de Cristo. Alguém que está com o plugue na tomada e tem a ideia, tem a criatividade, tem a paciência, tem o tempo, tem um olhar novo. Tem um olhar novo que consegue ir ao encontro do outro, que seria o seu principal inimigo. Então é um exemplo, acho que ou a gente pega isso como uma história, uma fábula, lá longe, que não tem nada a ver, e vamos continuar nossas brigas de Bolsonaro, Lula, Dória, etc., ou tem a ver sim. Tem a ver. Não significa não entrar, não significa dizer “eu acho que está fazendo uma besteira”, “acho que está alguma coisa certa”... Mas quem tem o desejo, antes de tudo, de poder criar um espaço para todo mundo? Esse é o nosso desejo, ou a gente deseja mais bater em um, ir atrás do outro, tomar partido? É muito diferente. É outra coisa. E a diferença vem de quê? Dessa luz que tenho dentro: se é real, se o meu pertencer ao Movimento é real, de hoje, é vivo, ou se é formal. Se a Escola de Comunidade é formal, não gera, não é eletricidade que passa, não é energia que passa, não cria o meu juízo novo. É impossível! Seu juízo será de outras coisas. Isso é óbvio, normal, é assim.